

UMA QUESTÃO DE MEMÓRIA: AS CONFISSÕES DE UMA PROSTITUTA PARA UM DIÁRIO ÍNTIMO

Ivana Guilherme Simili¹

RESUMO: O objetivo deste texto é realizar uma reflexão sobre as práticas da memória feminina. Pretendemos desenvolvê-la analisando as anotações contidas no diário íntimo de uma prostituta, no sentido de nelas encontrar os indícios que permitam compreender certas atitudes e comportamentos adotados por uma mulher com relação à memória de uma experiência.

Palavras-chave: diário, mulher, memória

Aos poucos, à medida que pesquisas que tematizam questões vinculadas ao feminino vêm sendo realizadas, uma história das mulheres está sendo escrita. O aspecto destacável na escrita dessa história é que a colocação da mulher, na cena histórica, tem sido acompanhada de um profundo questionamento dos conceitos e métodos envolvidos na produção do conhecimento histórico e tem, por isso, contribuído para engendrar a revisão de seus pressupostos teórico-metodológicos.

Porém escrever a história das mulheres não tem sido uma tarefa simples. Dentre os muitos problemas que encontram os historiadores que trabalham com temáticas femininas, um dos que devem ser enfrentados diz respeito às fontes de pesquisa. Por serem os documentos os meios pelos quais se tem acesso ao conhecimento histórico e porque são, conforme sobejamente denunciado, os vestígios com os quais os historiadores têm de trabalhar, poucos são aqueles que foram produzidos e deixados pelas próprias mulheres.

Em se tendo que a obtenção das fontes primárias produzidas pelas mulheres constitui-se num problema para o historiador, o que o encontro de um diário íntimo escrito por uma prostituta possibilita é abordar questões relativas às práticas da memória feminina envolvidas na constituição e conservação dos arquivos privados.

¹Mestre em História pela Faculdade de Ciências e Letras. UNESP - Assis - SP. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação - UEM.

Entre achados e perdidos, esquecidos e guardados

Com o nome de “Selma”, a autoria do “álbum de recordações” encontrado é assumida, após um sumário preâmbulo, com os seguintes dizeres:

No dia em que partirei para sempre aqui ficam minhas passagens e uns pedaços da minha vida. Neste meu querido diário.

Na epígrafe estão os signos identificadores de algo que realmente aconteceu. Após escrever durante o período compreendido entre 10 de junho e 18 de setembro de 1959, Selma foi embora da casa da Antonieta, uma casa de prostituição que existiu em Assis, estado de São Paulo, entre 1940 e 1978.

Indo embora do local em que morava, onde nas páginas iniciais do diário registrou estar havia 3 anos, deixou-o para trás. Segundo as mulheres com as quais ela conviveu e com quem conversamos, ninguém sabe por que ela deixou a casa e o diário, do qual não desgrudava.

Durante muitos anos o diário ficou em poder da Antonieta, tendo sido recuperado por parentes próximos da proprietária, após sua morte, em 1978, porque estava em meio a seus pertences.

O acesso a esse diário por mim, ocorreu em 1992, quando dei início à investigação sobre a casa de prostituição, e que culminou na dissertação de mestrado defendida em 1995 sob o título: “Memória da prostituição: lembranças da casa da Antonieta”.

Recordando a maneira como o diário foi encontrado, a questão a que remete é a da conservação dos arquivos privados e as formas de sua acessibilidade. Não fosse o zelo da Antonieta em conservá-lo, cuidando assim da lembrança de uma mulher que havia morado em sua casa, depois a disposição familiar em assumir sua guarda como sendo um objeto importante, como peça da coleção dos pertences de alguém da família, cuja memória se queria preservar e cujo diário era um de seus referentes, certamente ele teria sido destruído. Na trajetória do encontro do diário, a atitude da família endossa o que Michelle Perrot afirma na introdução da *História da vida privada* sobre os arquivos privados:

Seu estado de conservação é tão aleatório quanto as possibilidades de consulta. É necessário que haja um abrigo estável, uma devoção filial interessada em preservar a memória, uma notoriedade que transforme papéis em relíquias, ou a curiosidade de descendentes que gostem de história ou genealogias (Perrot, 1991:11).

A conservação de algo transformado desde seu abandono em lembrança e sua cessão quando o contato foi realizado para a obtenção de documentos sobre a casa de prostituição, encontra-se, portanto, na origem da obtenção do diário. Caso não existissem motivações para conservá-lo, uma importante obra como um diário íntimo de uma prostituta não poderia ter sido recuperada e transformada em fonte histórica para o conhecimento de histórias e percursos femininos.

Mas tanto o encontro pela família quanto a localização do diário enquanto fonte histórica foram possíveis porque Selma teve, com relação à obra produzida, uma atitude ou gesto, que foi deixá-lo, esquecê-lo quando foi embora do lugar.

Desde Freud e de sua teoria do inconsciente, sabemos que os menores gestos, bem como os comportamentos e atitudes, comunicam algo. São expressões repletas de significados. De acordo com Peter Gay (1989:73),

Os sentimentos e as ações humanas são em grande medida sobredeterminados, inclinados a terem diversas causas e a conterem diversos significados.

A expressividade contida no gesto de Selma ao deixar algo como rastro de sua passagem por um lugar e de suas vivências pode ser aquilatada quando consideramos as maneiras de as mulheres se relacionarem com os escritos de cunho íntimo. Escrever um diário pressupõe, em primeiro lugar, a decisão e a coragem de fazer confissões, de alguém abrir a um “alguém” imaginário suas intimidades. Com efeito, porque no diário são registrados os pensamentos, opiniões, impressões e sentimentos da autora, dificilmente a escritora dele se separa. Os medos e os receios de que o conteúdo das confissões registradas chegue até terceiros, sem que haja o consentimento de sua proprietária (basta perceber a maneira como as adolescentes e jovens relacionam-se com suas agendas, versão atual e bastante difundida dos diários), faz com que esses cadernos sejam guardados com todo o cuidado durante o período em que são escritos e, depois de preenchidos, sejam transformados em relíquias às quais se pode recorrer para recordar uma fase da vida, podendo até mesmo, com o passar do tempo e das mudanças existenciais ocorridas, serem totalmente destruídos, para que ninguém a eles tenha acesso e para que seu conteúdo jamais seja conhecido.

São essas características das práticas da memória feminina com relação aos diários, nas quais se incluem a escrita e as maneiras de as escritoras lidarem com esses cadernos, culturalmente condicionadas no sentido de impedir o acesso a esse gênero de escrita, que transformam a ação de Selma, de

abandonar o diário, em recurso comunicativo que conduz a que se queira entender o que ela tentou dizer ao assim proceder.

No entanto, interpretar os gestos para entender o que seu autor procurou evidenciar ou o significado com que foi realizado não é tarefa simples, pois envolve a análise das intenções, motivações e interesses existentes, que por vezes ocorrem num momento da vida. Contudo, essas dificuldades podem ser contornadas quando inserimos um comportamento num quadro explicativo mais amplo, tal como o das configurações que as ações femininas podem adquirir para impedir o acesso ao conhecimento de suas trajetórias de vida.

Conforme mostrado por Michelle Perrot (1989), a dominação masculina orienta a seleção que as mulheres realizam em seus documentos íntimos ou pessoais. À medida que se relacionam com os homens e a espécie de relação estabelecida com eles, os medos e receios de serem conhecidas suas trajetórias, os passos que deram, o que foram e fizeram, as mulheres tendem a ocultar e destruir suas memórias, descartando artefatos simbólicos das recordações avaliadas como “comprometedoras”, tais como cartas, correspondências, fotografias de antigos amores. Entretanto, ainda de acordo com a autora, para driblarem a dominação as mulheres aprenderam a desenvolver métodos com vistas, a um só tempo, a ocultar e preservar suas memórias. A guarda de documentos de cunho pessoal em armários e gavetas, somente descobertos após a morte de sua proprietária, seria reveladora das formas de resistência da memória feminina.

O que as ações femininas sobre suas memórias mostram são práticas que denotam sujeição, controle, mas também oposição, rebeldia à dominação. Nesse caso, no esquecimento não estaria a manifestação da maneira como a dominação calou uma mulher? Em que expressa, através do ato de esquecer, a seleção realizada em sua memória? Em que, junto com a decisão de ir embora da casa da Antonieta, veio a opção de não levar um objeto consigo para conseguir apagar as recordações de uma experiência de vida, talvez desejando poder construir no futuro uma outra vida, num outro lugar, sem que a que teve em Assis pudesse ser conhecida? O esquecimento teria sido um ato de exorcismo, de purificação da memória e de suas lembranças, em cujo cerne estaria a dominação representada pelo medo de o futuro ficar comprometido ou de não conseguir vivê-lo a contento com as lembranças que o objeto fazia recordar?

Na tentativa de entender Selma e muitas outras mulheres que por medo da incompreensão masculina acabam expressando seus sentimentos de modos aparentemente estranhos, e a um só termo aprofundar a compreensão

das práticas da memória feminina, iremos testar a hipótese aventada, procurando nas anotações do diário os indícios que permitam compreender o gesto de uma mulher. Quais pistas são oferecidas pela autora em seus escritos e que são reveladoras de fatos e acontecimentos que transformam o esquecimento do diário em um ato simbólico de que “algo” devia ser esquecido?

A escrita em diário: algumas considerações

Escrevendo no diário, o que Selma construiu foram relatos sobre si mesma, para o período de sua existência que vai de 10 de junho a 18 de setembro de 1959.

Porém “o ato de elaboração da autobiografia, longe de ser a ‘vida’ como está armazenada nas trevas da memória, constrói o relato de uma vida” (Jerome Bruner & Susan Weisser, 1995:149). Isso significa que, escrevendo sobre si mesma, o produzido por Selma foi um texto para representar sua vida. Nesse trabalho de produção de um texto de vida, condicionando e determinando o teor do que foi registrado, estavam presentes os crivos e a seleção da memória da escritora e as correlativas interpretações para fatos, acontecimentos e episódios existenciais.

Um aspecto importante desses textos de vida que um diário simboliza é a necessidade de o escritor, em sua elaboração, lançar mão de algumas estratégias discursivas para expressar-se e tornar crível o que conta. Faz parte dessas estratégias a tematização dos relatos, ou seja, é em torno de certos temas que o escritor desenvolve os auto-relatos.

Para os propósitos deste texto é necessário reter este aspecto da escrita em diários: de que a narrativa desenvolvida pelos escritores é feita em torno de certas temáticas, pois é no tema através do qual Selma aborda a si mesma que iremos procurar os indícios para a compreensão do gesto que adotou com relação à obra produzida.

Também, importa destacar que para psico-historiadores como Peter Gay (1989), os temas desenvolvidos num diário são indícios valiosos de uma sociedade. A título de exemplo, em que a psicanálise pode ser instrumento útil de análise, menciona o século XIX como o momento em que a prática da escrita em diários foi bastante difundida através dos pais e professores, para mostrar como os temas abordados nos diários, tais como a saúde, o clima, os pensamentos profundos sobre o amor e a religião, podiam ser tomados como sintomáticos de uma sociedade demasiadamente preocupada com o estado

mental e com o corpo, e mais, revelar pelas confissões feitas mais do que o autor intencionalmente podia revelar, como os desejos inconscientes.

A inserção das idéias de Gay tem como objetivo mostrar a validade da análise de um diário para o conhecimento histórico, na medida em que demonstra a viabilidade de atingir e conhecer a sociedade e a cultura através dos materiais discursivos oferecidos por esses gêneros de relatos.

Podemos dizer que, no caso do diário de Selma, que simboliza a escrita realizada por uma prostituta, o tema de sua narrativa será tomado como indício importante da sociedade e da cultura na qual estava inserida, visto que, na temática desenvolvida encontraremos os sinais das dificuldades e problemas que teriam influenciado e conduzido uma mulher a produzir esse gênero de obra. Embora a decisão de escrever seja pessoal, ela representa uma resposta para problemas e dificuldades e estes são compreensíveis desde que atrelados à sociedade que os produziu.

Penetrando nas intimidades: o cotidiano, seus mistérios e segredos

Referindo-se a horários ou a períodos (manhã, tarde, noite e madrugada), diariamente Selma fazia seus relatos para o diário, contando como havia sido seu dia, o que havia feito e acontecido. Através dessas narrativas somos conduzidos ao universo de atividades e afazeres desenvolvidos por uma mulher-prostituta numa casa de prostituição, desde o momento em que acordava e se levantava da cama, até quando a ela retornava.

Os textos diários elaborados por Selma revelam, por exemplo, que, após acordar e levantar-se da cama, fato que acontecia entre meio-dia e uma hora, a primeira ação era tomar banho e se arrumar; depois ficava na casa bordando, ouvindo música ou jogando cartas em companhia das outras mulheres. As tardes eram ocupadas com a continuidade das atividades com as quais havia se envolvido ou com saídas para fazer compras, ir ao cabeleireiro, à costureira, tratar de assuntos relativos à vida pessoal, tais como ir ao médico, ao correio, à telefônica. Contam também as anotações que, quando se ausentava da casa, retornava por volta das sete horas da noite, dando, a partir desse momento, início a uma série de preparativos chamados de "arrumar-se", a saber, banho, roupas para ir ao salão (o que ocorria invariavelmente às nove horas), de onde se retirava de madrugada (entre uma e duas horas da manhã). Na seqüência, registram as anotações que, cessado o compromisso com o salão, acontecia a ida a restaurantes e bares para "cear", depois o re-

torno para casa e o subsequente encerramento do dia com um definitivo "fui dormir".

Descrevendo nas páginas os dias, arrolando e relacionando horários a afazeres e atividades, a idéia a que os escritos remetem é a da vida cotidiana enquanto "organização dia-a-dia, da vida individual" mediante a repetição de ações vitais distribuídas no tempo, conforme formulou Karel Kosik (1986: 69), em cujo dia-após-dia a vida se reproduz, reenviando-nos à constelação dos hábitos e da rotina.

Porém, quando voltamos nossa atenção para os registros que entremiam as narrativas, a vida cotidiana adquire outra configuração. No sentido de orientar a análise, destacamos alguns deles:

25 (junho), quinta-feira: levantei fui jogar, mas estava esperando meu amor, ele me tinha dito que viria durante o dia. Esperei mas ele não veio e nem a noite; Segunda 3 (julho): estava jogando meu amor chegou com uma lata de catupiri e uma de goiabada; 2 (julho) quinta-feira: estava bordando em meu quarto com a Shirley e o meu amor chegou com um pacote de doces; Dia 11 .6. 59: chamei um carro para ir embora, passei em frente a barbearia e vi meu amor, todo de azul sentado em uma cadeira lendo uma revista.

A leitura desses fragmentos faz recordar um trecho de Alain Corbin ao analisar os fatores que teriam contribuído para a disseminação da prática da escrita em diário no século XIX. Diz o autor:

Com freqüência mal inserida na sociedade onde foi chamada a viver, a autora de um diário sofre por não poder comunicar-se (Corbin, 1991:458).

Ao que parece, as dificuldades vivenciadas no relacionamento amoroso e em encontrar um ouvinte para seus problemas ou mesmo em conseguir expressar verbalmente o que pensava e sentia com quem convivia, devem ter servido de estímulo a que procurasse alguém com quem pudesse desabafar e tivesse achado no diário a imagem da pessoa confiável, vindo a instituí-lo como seu dialogador e confessor. Essa necessidade de Selma, de procurar alguém a quem pudesse confiar suas confissões amorosas, mostra-se plausível quando consideramos os moldes dos relacionamentos entre as prostitutas numa casa de prostituição, onde o que imperava era a competitividade e a disputa entre elas, muitas vezes ocultadas sob a forma de amizade e coleguismo, e as dificuldades vivenciadas por uma prostituta quando se envolvia emocionalmente com os homens da cidade, aqueles que deviam ser meros "clientes" (cf. Simili, 1995). Portanto, motivos de natureza social e, por isso,

denotativos do tipo de sociedade na qual vivia, podem ter alavancado a decisão de escrever.

A idéia da instituição do diário como confessor é também reforçada pelo teor das descrições, podendo ser captada na maneira íntima como Selma refere-se ao homem a quem elege como amante: "*meu amor*", "*meu amado*", "*meu querido*", "*meu marido*", e pelas espécies de narrativas nas quais, procurando retratar as intimidades do casal mediante descrição dos acontecimentos e episódios cotidianos, fornece os ingredientes que faziam parte do envolvimento amoroso. Talvez, muito daquilo que Selma contou, além dela e do amante, somente o diário soubesse, e talvez muito do que tenha confessado, os sentimentos e emoções vivenciados, sequer o amante soubesse, somente foi confessado ao diário.

Confessando as angústias e ansiedades causadas pelo envolvimento amoroso, é ao reino daquela espécie de preocupação cotidiana, de que também fala Kosik (1986), que somos conduzidos. Para ele, a maneira de existir humana é a preocupação, "presente" tanto no preocupar-se como no despreocupar-se. A "preocupação", embora pressuponha o engajamento prático do indivíduo nas relações sociais, é o mundo no sujeito, que tem sentido para esse sujeito porque criado por ele. Falar de preocupação é dizer subjetividade. Quando avaliamos os retratos cotidianos feitos pela autora, deles sobressai que seu envolvimento com a realidade passava pelos filtros do relacionamento amoroso. Com essa "preocupação" com o romance, dotava de sentido sua vida cotidiana, encontrando razão para suportar até mesmo o universo da rotina de uma casa de prostituição.

Em suas anotações, a preocupação que a consumia era expressada quando revelava que, enquanto jogava cartas ou bordava com as colegas, estava com a mente pré-ocupada com a chegada do amante; as frustrações experimentadas quando esperava: o amante prometia e não aparecia; as buscas frenéticas realizadas pela cidade; os encontros estabelecidos e a necessidade que tinha, nesses contatos, de achar, na maneira como o ser amado a procurava, as provas desse mesmo cuidado que tinha com o outro, vislumbrando-as nas retribuições de carinho e dedicação por aquilo que lhe oferecia, lhe dizia ou pelo tempo que com ela permanecia.

O testemunho de um relacionamento amoroso entre uma prostituta e um cliente, nos limites de uma casa de prostituição, foi o que Selma construiu com a escrita em seu diário, sendo através do romance que tematiza o amor. Enquanto obra produzida pelo trabalho da memória, sua marca é a afetividade, em que o ato de recordar e escrever foi transformado num momento de criação e recriação de sentimentos. O que é lembrado, a forma co-

mo lembra e o conteúdo das lembranças amorosas, mostra que o recordar tinha o sentido de lembrar em seu sentido etimológico: colocar (de novo) no coração. Lembrava-se e escrevia com a alma (Meneses, 1991).

Esse testemunho de Selma é a pista de que, se houve "algo" muito importante e valioso que aconteceu em sua vida enquanto morou na casa da Antonieta, foi o amor, representado pelo romance, em cujas características está o sentido que, conforme Antony Giddens (1993), veio a adquirir no século XIX: uma história para a vida pessoal construída a partir da relação estabelecida com o "outro", baseada em sentimentos, emoções e idealizações.

Porém se o romance serviu, ao longo do período em que escreveu, de estímulo para criar seu álbum de recordações, quando pára de escrever e transforma o diário em objeto esquecido na casa onde morava, o sugerido por Selma mediante esse gesto é que talvez procurasse exatamente banir de sua memória, junto com o hábito da escrita, o que a havia conduzido a escrever.

Conforme colocamos inicialmente, examinar as motivações humanas não é tarefa das mais simples. Do total de páginas do diário, muitas ficaram em branco e, até o último dia nele registrado, 18 de setembro, uma sexta-feira, o romance é o tema das anotações, contando fatos como: *"meu amor chegou, me trouxe uma melancia"*. Dessa forma, a última frase registrada no diário - *"tomei banho, não quis jantar"*, transforma-se em sintomática da ruptura com essa alimentação diária que o relacionamento amoroso representava, para que vivesse e sobre ele escrevesse. Não janta e mais nada escreve.

Considerações finais

A escrita e o esquecimento do álbum de recordações de nossa autora possibilitam pensar algumas questões relativas às práticas da memória feminina na constituição e destruição dos arquivos pessoais.

A hipótese inicial de que o "esquecimento" do diário devia ser tomado como indicativo de que "algo" muito importante havia acontecido na vida de Selma enquanto morou na casa da Antonieta, e de que toda essa trajetória pessoal ela tentava esconder do futuro, viu-se confirmada quando em contato entramos com o teor dos escritos. Observamos que esse "algo" foi o amor que tanto despertou em nossa autora o desejo de escrever para guardar, para salvar do esquecimento futuro as lembranças daquilo que era um acontecimento em sua vida, e transformou-se, com o decorrer do tempo, em experiência que precisava ser exorcizada de sua memória.

Portanto, o que Selma expressa através da prática da escrita e do esquecimento do diário é a relação estabelecida com a memória da vivência amorosa. Lembrando para escrever, escrevendo para lembrar, o denotado é a preocupação em constituir um arquivo pessoal pelo significado outorgado ao que estava vivenciando. Nessa composição da obra memorialística, somos conduzidos àquela representação para a memória elaborada por Platão no diálogo Teeteto como um "bloco de cera" em que para lembrar é preciso gravar o que sentimos, vimos, ouvimos, como "gravamos o carimbo de um anel", e o que é assim gravado é lembrado durante o tempo que a imagem permanece na cera e o que se apaga ou foi impossível de gravar é esquecido (citado por Meneses: 1991).

Obra da seleção feita por nossa autora entre lembranças que escolheu e gravou para que no futuro recordassem a vivência amorosa, nas lembranças registradas estão as marcas daquilo que queria lembrar e a maneira pela qual pretendia que fosse lembrado. Havia ainda o que não foi registrado, mas cujas marcas deixadas na escrita seriam as pistas para reavivar a memória, lembrando os esquecimentos e as lembranças ocultadas, que não foram compartilhadas com o diário, guardando-as consigo e somente para si mesma.

Ao constituir seu álbum de recordações, nossa autora tinha na mente e no coração um sentimento: o amor. Foi durante o período em que escreveu que mudanças ocorreram em seus sentimentos e no significado atribuído ao romance. A interrupção da escrita e o abandono do diário são expressões das modificações interiores ocorridas em Selma.

Para aqueles que pretendem compreender as práticas da memória feminina, esquecendo o diário, Selma toca num aspecto crucial: de maneira dialética, vida e memória estão interseccionadas, transformando incessantemente nossas vivências e nossas lembranças.

Referências bibliográficas

- CORBIN, Alan. Os Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.) *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, v.4, p.413-563.
- BRUNER, Jerome & WEISSER, Susan. A Invenção do ser: autobiografias e suas formas. In: OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy (org.) *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995, p.141-162.

- GAY, Peter. *Freud para Historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MENESES, Adélia Prado de. "Memória e Ficção". *Revista Resgate*, 2: 9-15, 1991.
- PERROT, Michelle. As práticas da Memória feminina. In: *Revista Brasileira de História*, 9(18): 9 - 18, 1989.
- _____ (org) Da Revolução Francesa à Primeira República. In: ARIÈS, P. & . DUBY, G. *História da Vida Privada*, São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- SIMILI, Ivana G. "*Memória da Prostituição: lembranças da Casa da Antonieta*". Assis, 1995. 188p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

ABSTRAT: This text's objective is to achieve a reflexion about the feminine memorie's practices. We intend to develop it analising the notes in a prostitutes' personal diary triling to find a sing as them that can make us realise certain attitudes and behaviour adopted by a woman related to an experience's memory.

KEYWORDS: diary, woman, memory.

